

PROJETO HOMOSSEXUALIDADES: ANO E MEIO DE TRABALHO

Há mais de dez anos a AIDS caiu na vida homossexual como uma bomba. Inesperada. Violenta. Devastadora.

Em meados de 1981, quando os primeiros casos foram notificados entre pessoas da comunidade gay norte-americana, teria sido difícil prever a relação íntima que seria construída entre a epidemia e a homossexualidade ao longo da última década. Uma "praga gay". A "peste cor-de-rosa". A "mancha roxa". A ira de Deus para os pecadores. A revanche da natureza contra os pervertidos. Fonte de todo tipo de estigma e preconceito. Discriminação dupla, reforçada, tanto em relação ao estilo de vida sexual diferente e desviante, quanto em relação às pessoas vivendo com uma doença percebida até muito recentemente como contagiosa e inevitavelmente fatal.

Ao longo dos últimos anos, muitas coisas mudaram. Pouco a pouco, percebemos que não é bem assim. Que relação entre a homossexualidade e a AIDS não é, de fato, tão clara quanto alguns gostariam de sugerir. Que a infecção pelo HIV (como, aliás, outras doenças sexualmente transmissíveis) acontece independente de orientação sexual, em homens e mulheres, adultos e crianças, em todas as raças e classes sociais. Que não existem "vítimas" preferidas, nem "alvos" naturais. Percebemos, também, que a própria homossexualidade (tanto quanto a epidemia de AIDS) é, de fato, muito mais complexa do que imaginamos. Que não existe uma única homossexualidade, mas uma diversidade profunda de estilos de vida sexual. Que não existe uma associação necessária entre desejo, comportamento e identidade sexual. Que há homens que fazem sexo com homens (e mulheres com mulheres) sem necessariamente construir uma identidade homossexual. Que existem diversas homossexualidades, e que esta diversidade faz parte tanto da cultura brasileira, quanto da vida humana.

Ao mesmo tempo, enquanto percebemos hoje que não há nenhuma relação natural entre a AIDS e a homossexualidade, também percebemos que a AIDS se coloca, ainda hoje, como uma questão da maior importância dentro da vida homossexual. Tanto no Brasil quanto em outros países, o impacto da epidemia continua sendo especialmente forte dentro da comunidade homossexual. Amigos e companheiros perdidos. Dúvidas e incertezas frente ao exercício da própria sexualidade em tempos de AIDS. A luta, redobrada, contra a discriminação e o preconceito. Hoje, a AIDS deixa de ser um assunto única e exclusivamente dos homossexuais, mas continua um dos assuntos mais urgentes e importantes que a comunidade homossexual enfrenta.

O **Projeto Homossexualidades** (também conhecido pela sigla **HSH**), desenvolvido pela ABIA em parceria com o Grupo Pela Vidda/RJ e o Grupo Pela Vidda/SP, e com a ajuda fundamental de diversos colaboradores (agências nacionais e internacionais, ONGs/AIDS, grupos gays, instituições de pesquisa, profissionais de saúde, e assim por diante) se situa como uma pequena resposta aos desafios que a epidemia da AIDS coloca para a

comunidade homossexual. Baseado nos princípios de parceria e diversidade, o Projeto aposta na democratização da informação como direito de todos, na solidariedade como metodologia de transformação social, e na cidadania sexual como elemento crucial na luta contra a AIDS. Tanto no Rio quanto em São Paulo, o Projeto vem atuando intensamente para desmistificar a relação entre a AIDS e a homossexualidade, para reforçar estruturas coletivas de apoio social e psicológico dirigidas à população homossexual, e para oferecer aos indivíduos as ferramentas básicas de prevenção frente à epidemia da AIDS.

Este *Boletim Especial* se dedica integralmente à documentação do trabalho realizado ao longo do primeiro ano e meio de atuação do Projeto Homossexualidades. Os textos e documentos reunidos aqui falam com diversas vozes e colocam perspectivas muitas vezes distintas. Ao mesmo tempo, juntos, oferecem um pequeno retrato das possibilidades que o Projeto potencializa - das possibilidades que existem quando conseguimos trabalhar coletivamente para alcançar uma meta comum. Lembrem-nos que a luta contra a AIDS é sempre difícil, mas que o nosso engajamento nesta luta também nos oferece a possibilidade de construir um mundo melhor - uma vida mais bela e mais feliz para todos!

Richard Parker
Coordenador Geral da ABIA

UM PROJETO A VÁRIAS MÃOS

Renato Quemmel *

Ao iniciarmos o Projeto Homossexualidades em maio de 1993, tínhamos a certeza de que o trabalho era ambicioso, tendo em vista a forma pela qual encontra-se contextualizada a questão da homossexualidade na cultura brasileira. Nesse aspecto, era um desafio para a equipe desenvolver uma série de atividades que, além de possuir caráter preventivo junto ao público gay, tinha também como proposta a criação de uma rede de apoio com a intenção de valorizar a auto-estima desse grupo, que secularmente vem sofrendo preconceitos e discriminação.

O Projeto vem sendo desenvolvido pela ABIA e pelos Grupos Pela VIDDA do Rio de Janeiro e São Paulo e procura dar informações de forma prazerosa sobre sexo seguro, levando em conta a insistência na prática de comportamentos de risco por parte desta população. Para atingir estes objetivos, foi pensado um conjunto de componentes interrelacionados que compõem uma intervenção multidimensional frente ao HIV/AIDS: oficina de sexo seguro (vídeos, debates e oficinas de sexo seguro propriamente ditas) e oficina de teatro expressionista.

A intervenção é uma atividade desenvolvida em bares, boates, saunas e praias com frequência homossexual que, além de divulgar as outras atividades do projeto, possui sua própria especificidade, de dar informações sobre sexo seguro e tirar qualquer dúvida das pessoas no local.

O trabalho realizado nas atividades de intervenção é acompanhado por um material gráfico com destaque para a estética gay, porém sem a preocupação de sermos didáticos, na medida em que grande parte da população alvo do projeto já tem acesso às informações básicas de prevenção. Tentamos trabalhar com a sedução através de imagens de corpos nus, utilizando um formato pequeno que facilitasse o transporte. A nova linha de materiais, a ser lançada no segundo ano de implementação do projeto, buscará criar uma empatia com o público alvo, tanto a partir de posters diversificados quanto dos guias gays das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

A Oficina de Sexo Seguro engloba três componentes: exibição de vídeos com temática homossexual e posterior discussão sobre o filme, debates sobre temas que interessam à comunidade gay, e as oficinas de sexo seguro, que são dinâmicas que abordam a questão do sexo seguro nos tempos da AIDS.

A Oficina de Teatro Expressionista se baseia em uma dinâmica de discussão sobre práticas sexuais mais seguras, sobre a homossexualidade e a auto-estima, a partir de exercícios corporais e de técnicas teatrais. Também faz parte desta atividade a elaboração de uma peça de teatro, chamada "Cabaret Prevenção", que foi criada pelos participantes da Oficina.

Paralelamente à realização dessas atividades, produziu-se um vídeo baseado em três depoimentos de homens homossexuais, tentando mostrar o cotidiano e as diversas maneiras de expressão dos desejos de homens que fazem sexo com homens.

O projeto, aproveitando a estrutura existente no Pela VIDDA Rio de Janeiro, utiliza o hot-line (Disque-AIDS) e a recepção para encaminhar pessoas com as mais diversas dúvidas, quer sejam com relação à sexualidade, quer sejam para a utilização de serviços sociais ou de saúde da cidade.

Cabe ressaltar que foram extremamente importantes as parcerias informais estabelecidas com os grupos gays, como o Atobá, 28 de junho e o Arco-Íris, além de outras ONGs, como o NOSS, e com os serviços de DST do PAM 13 de Maio e do CMS da Gávea.

A título de comentário final, gostaríamos de ressaltar a necessidade de uma maior conscientização do público alvo e de nós mesmos para os nossos direitos de cidadãos. E dizer também que, apesar de todas as perdas reais e simbólicas que aconteceram dentro e fora do projeto, fomos transformadores ou, pelo menos, continuamos a tentar transformar esta realidade tão adversa. Não somos os mesmos, mudamos muito neste período, perdemos muito, perdemos o encantamento mas ficamos mais fortes, ganhamos a praticidade e a consciência de que temos que continuar, apesar das nossas emoções. Não conseguiremos nos omitir por todos os nossos companheiros deixados pelo caminho.

*** Coordenador de Projetos ABIA**

SEXO ENTRE HOMENS: UMA PESQUISA SOBRE A CONSCIÊNCIA DA AIDS E COMPORTAMENTO (HOMO) SEXUAL NO BRASIL

Richard G. Parker*,
Murilo P. Mota e**
Lourenço E. L. Rodrigues***

O objetivo principal do Projeto Homossexualidades é contribuir, de maneira significativa, para a prevenção da epidemia do HIV/AIDS na comunidade homossexual. Desde cedo, ficou evidente que, para avaliar os efeitos do Projeto, seria importante levantar dados de diversos tipos que permitiriam acompanhar a resposta da comunidade frente à epidemia e a influência do projeto em moldar e incentivar esta resposta. Felizmente, um projeto de pesquisa desenvolvido previamente em 1989 pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ), em colaboração com o Programa Global de AIDS da Organização Mundial de Saúde (ver Parker, 1994), ofereceu um modelo importante para esta investigação, e a participação de várias pessoas ligadas ao IMS na equipe da ABIA criou a possibilidade de uma parceria efetiva entre as duas instituições para avaliar os efeitos do projeto ao longo do tempo.

Para dar continuidade às investigações iniciadas pela equipe do IMS em 1989 e para avaliar a resposta da comunidade homossexual frente à epidemia de AIDS, entre outubro de 1993 e março de 1994 foi desenvolvida uma nova etapa de pesquisa, com a coleta de dados quantitativos usando um questionário estruturado. A pesquisa apresentou algumas peculiaridades. Considerando que o relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo se dá numa "relativa clandestinidade", seria impossível trabalhar com amostra de probabilidade aleatória e tratar estes dados como universais ou generalizantes em relação à população em estudo. A fim de superar tal limitação, trabalhamos com a "amostra de conveniência" de 300 entrevistas, estabelecendo estratégias de recrutamento dos informantes, diversificando as áreas de atuação sexual-afetiva entre homens, de forma que se minimizassem as distorções inerentes ao uso de uma amostra "viciada".

O primeiro passo nesta direção foi o mapeamento dos locais e áreas associados à subcultura homossexual no Rio de Janeiro. Apesar de todos os entrevistadores terem acesso ao "mundo homossexual" e conhecerem os focais de convivência gay, optou-se por não fazer nenhuma entrevista nos ditos "espaços de convivência". Os informantes eram entrevistados em outros locais, onde não estivessem exercitando sua "prática de lazer".

A estratificação das faixas etárias baseou-se nos parâmetros da pesquisa realizada em 1989, onde 12% (n=36) têm mais de 42 anos. 13% (n=39) encontram-se entre 14 e 21, 29% (n=87) estão entre 32 e 42 e 46% (n=138) têm entre 22 e 31 anos. Em sua maioria foram entrevistados os homens que se tornaram sexualmente ativos antes do surgimento da AIDS,

fase do surgimento do "movimento homossexual" ou "movimento de liberação gay", período de "abertura política" do Brasil pós-ditadura militar.

Buscou-se uma diversidade de pessoas quanto ao grau de instrução: 23% (n=69) afirmaram ter o primeiro grau, 32% (n= 111) nível superior e 39% (n=120) o segundo grau.

Podemos afirmar que, como na pesquisa realizada em 1989, estes indicadores sugerem que, independentemente da impossibilidade virtual de construir uma amostra aleatória que pudesse ser representativa dos homens que transam com homens, como já ressaltamos, a amostra conveniente, montada através de estratégias de recrutamento, pode também oferecer uma diversidade social e demográfica compondo um pequeno retrato da população em estudo.

IDENTIDADE E COMPORTAMENTO SEXUAL

Os resultados também apontam para uma análise da identidade e comportamento sexual. Assim, quando perguntamos aos informantes sobre o termo utilizado para descreverem sua sexualidade: 48% (n= 144) se autoidentificam como "homossexuais", 10% (n=30) se denominam como "gays" e também 10% (n=29) se denominam de "bissexuais". Há também um outro "lado da moeda". Podemos relativizar estes dados sobre identidade como sendo uma característica dos próprios homens recrutados, que tenderam a estar mais integrados às redes de auto-identificação com a subcultura homossexual. Além disso, notamos que a extensão do papel desempenhado pela AIDS também pode ter influenciado, não só na divulgação das categorias médico-científicas (homo, bi e heterossexual), mas também na ampliação de formas de resistência, fortalecendo um movimento de auto-afirmação do estilo gay.

Os resultados mostram que mais da metade dos entrevistados, 51 % (n= 154), afirmam que, caso houvesse uma possível escolha entre ser **hetero ou homossexual**, não optariam pela heterossexualidade, atitude que seria tomada por 29% (n=88), uma interrelação existente entre opção sexual e a identidade sexual assumida.

Estes resultados sinalizam um dos impactos que a epidemia já causou, principalmente dentro da subcultura homossexual no contexto da amostra. Estas questões se tornam mais complexas ao percebermos que não só as atitudes perante a homossexualidade e a AIDS são passíveis de variações, como também os significados sociais e subjetivos de que se reveste em nosso contexto cultural. Esta pesquisa aponta para uma necessidade de se coletar informações complementares sobre homens que transam com homens fora desta subcultura, "aqueles" que têm comportamento homossexual mas não têm identidade, têm desejo mas não têm comportamento.

AIDS: CONSCIÊNCIA, PERCEPÇÃO DE RISCO E MUDANÇAS

A principal mudança ocorrida com o advento da AIDS, segundo os informantes da amostra, é o uso do preservativo: 88% (n=183) afirmam que passaram a usar. Apesar de serem bem informados sobre os aspectos de transmissão e prevenção do HIV e notadamente

responderem ter mudado o comportamento em relação à epidemia, notamos algum deslize sobre o conhecimento a respeito da transmissibilidade pela saliva e o destaque dado à redução do número de parceiro como aspecto relevante para prevenção. Podemos relativizar este último, como consequência da freqüente discussão sobre a promiscuidade como um fator preponderante na transmissão do HIV, anunciada pelas campanhas publicitárias "oficiais", que enfatizaram a redução do número de parceiros como eixo central da prevenção no início da epidemia no Brasil. Esta postura pode ser observada no alto índice de procura de parceria regular como forma de prevenção: 51 % (n= 153).

Outro aspecto relevante na análise sobre percepção de risco para o HIV é o fato de evidenciarmos uma ambigüidade entre práticas sexuais que o entrevistado considera excitantes e o seu conhecimento para o risco de contaminação pelo vírus. A penetração no ânus de um outro homem é considerada muito excitante por 87% (n=261) da amostra. Quando esta prática é realizada com o uso de camisinha este percentual cai um pouco, chegando a 84% (n=252) entre os que ainda consideram excitante. Quanto ao risco da penetração sem o preservativo, é considerado altíssimo por 94% (n=282) dos respondentes. Revertendo as posições, o nível de excitação do informante ao ser penetrado por outro homem é alto para 71% (n=213), ou seja, 16% menos do que o alegado com o ato de penetrar.

IDENTIDADE SEXUAL E VIOLÊNCIA

Destacamos como um importante dado deste estudo a coleta de informações sobre violência relacionada à opção ou identidade sexual. A pesquisa revela que 59% (n= 177) da amostra alegaram já ter sofrido algum tipo de violência relacionada à opção sexual. Destes, 53% (n=93) afirmam ter sofrido agressão física e violência verbal. A referência a agressões feitas por parentes/familiares revelaram serem bastante evidentes, já que aparecem em segundo lugar, tendo ocorrido com 10% (n= 18) dos que afirmam sofrerem algum tipo de violência. A polícia também tem participação significativa entre os que praticam violência contra gays e, 8% (n= 14) alegam terem sido extorquidos por policiais.

O fato é que este quantitativo sobre violência só vem revelar o pano de fundo de um preconceito e uma homofobia historicamente presentes contra aqueles que, de uma forma ou de outra, optaram pela "diferença".

Muito embora, ainda tida como perversão, patologia, anomalia, neurose, doença, "vício" (este último foi: dito por um candidato à Presidência da República na Rádio Evangélica e publicado em jornais de grande circulação), a luta contra a discriminação e pela cidadania dos homossexuais pode depender diretamente do modelo de organização política pelos direitos civis e da maneira como se posicionam frente aos absurdos colocados na ordem do dia, contra indivíduos e "minorias" em nossa sociedade. Um dos principais resultados desta pesquisa é que a luta pela cidadania e a democracia sexual também contribui para a luta contra a AIDS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados apresentados neste ensaio é preliminar e bastante resumida. Mas pode revelar que a epidemia trouxe nítido impacto nos comportamentos e práticas sexuais entre os homossexuais. Os resultados apontam para altos índices de conhecimentos sobre os aspectos de transmissão e prevenção do HIV/AIDS. Entretanto, outros dados quantitativos com menor significância espelham preocupação, por exemplo: 10% (n=30) dos entrevistados acharam que nada podem fazer para evitar o HIV; 35% (n= 105) discordam ou têm dúvidas sobre a afirmação de que qualquer pessoa pode evitar a contaminação pelo vírus; 18% (n=54) encontram problemas em dizer "não" à pessoa que se recusa a fazer sexo seguro; 16% (n=48) não se consideram passíveis de contágio; 19% (n=57) não conseguem pensar em prevenção do HIV na paixão do momento; 48% (n= 144) acham que mesmo utilizando o preservativo o contágio ainda é possível; 21 % (n=63) acham a relação sexual uma "roleta russa", sendo a sorte o que determina o contágio; 12% (n=36) afirmam não utilizar o preservativo; a relação com ejaculação não foi mudada em relação à epidemia por 36% (n= 108) da amostra.

Percebemos que há inconsistências em relação ao conhecimento e níveis de informação sobre HIV/AIDS e que há posturas mais subjetivas do cotidiano sexual, principalmente quando se trata de afeto e paixão no relacionamento. Estes flashes causam preocupação e perigos óbvios.

Em geral, os dados aqui apresentados podem nos levar a inúmeras constatações. Mas tudo nos leva a crer que é urgente que se estabeleça uma base social mais sólida para os homens que transam como homens, a fim de se elevar a "baixa-estima" individual, enfatizando nas campanhas a erotização do sexo seguro, destinando programas específicos para grupos com comportamentos sócio-sexuais específicos e estabelecendo solidariedade aos que convivem com o HIV.

Referências bibliográficas

Costa, Jurandir Freire

1992. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará

Daniel. Herbert, e Richard Parker 1991. **AIDS: a terceira epidemia**. São Paulo: Iglu.

Parker, Richard

1994. **A construção da solidariedade: AIDS, sexualidade e política no Brasil**. Rio de Janeiro: *Relume-Dumará*: ABIA: IMS, UERJ.

*Richard G. Parker é antropólogo, professor do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Coordenador Geral da ABIA.

**Murilo P. da Mata é sociólogo, mestrando na Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ, e consultor da ABIA.

***Lourenço E. L. Rodrigues é estatístico da Limite Assessoria de Pesquisa e consultor da ABIA.

PROJETO HSH/SP
AVALIANDO NOVAS ESTRATÉGIAS DE
INTERVENÇÃO

Paulo Afranio Sant'Anna *

O projeto HSH nos tem ensinado que há uma grande diferença entre a idealização e a execução de um projeto, principalmente quando este é constituído por estratégias de intervenção educacional em uma comunidade. Neste sentido, a avaliação e a reformulação constante são fundamentais para garantir o sucesso do mesmo.

Quando iniciamos as intervenções nos bares e boates de São Paulo, algumas questões nos preocupavam: Como seria a receptividade dos frequentadores e dos proprietários destas casas? Qual estratégia usaríamos para a distribuição dos materiais informativos e preservativos? Como seria estar falando de prevenção em um ambiente onde as pessoas iam para se divertir, paquerar, etc.?

Preocupados em passar a seriedade do nosso trabalho, adotamos uma série de posturas que iam desde o contato inicial com os proprietários das boates até a nossa maneira de nos posicionarmos durante as intervenções. Ocupávamos um espaço fixo, pré-determinado, onde esperávamos que as pessoas interessadas se aproximassem para buscar material informativo e preservativos e se inscrevessem nas oficinas de sexo seguro. A nossa proposta era não invadir o espaço de lazer das pessoas, respeitando ao máximo o movimento de cada um.

Após quatro meses de trabalho, começamos a detectar um grau de rejeição crescente às atividades do projeto. As oficinas se esvaziaram, assim com o interesse pelo material distribuído e pelas intervenções. Fizemos uma reunião com toda a equipe para avaliarmos nossa atuação. Nesta foram levantados alguns pontos que precisariam de uma reestruturação: 1) A imagem que passávamos era séria demais, éramos confundidos com "missionários da AIDS", pessoas abnegadas que se propunham a pregar sobre sexo seguro pelas noites de São Paulo; 2) A filipeta que divulgava as atividades era muito confusa, pois incluía as atividades do Rio e de São Paulo e não informava o local e horário das oficinas; 3) Os proprietários das boates, apesar de cederem o espaço, não se comprometiam com as atividades do projeto; 4) A forma de divulgar as atividades deveria levar em conta o grande grau de rejeição da comunidade HSH em falar sobre AIDS; 5) Nas atividades oferecidas não havia espaço para discussão de outros temas referentes à homossexualidade que possibilitasse a diminuição do preconceito dentro da própria comunidade de HSH; 6) A nossa atuação junto à mídia ainda era muito tímida e desorganizada.

Em função das questões levantadas, organizamos um segundo encontro onde a proposta era encontrar soluções para os problemas detectados. A participação de todos os componentes

da equipe foi de extrema importância, pois enriqueceu a discussão, além de comprometê-los de imediato com as reformulações indicadas. Estas foram:

1) No tocante à imagem, resolvemos mudar nossa estratégia adotando uma postura mais descontraída e bem-humorada durante as intervenções. Foi sugerida a criação de um personagem "drag" que passaria a identificar a nossa presença nas boates e a chamar a atenção dos frequentadores para a nossa "barraquinha". Pensamos em uma espanhola "Carmensita de Vênus", que andaria com seu companheiro "Paolo Duran". Esta idéia acabou não vingando por questões de ordem prática.

A partir da disponibilidade de um interventor nissei, surgiu a idéia de se criar uma gueixa, "Kissuco", que faria demonstração do uso de preservativo durante as intervenções. Este personagem passou a integrar as intervenções em março deste ano. Deu a estas um toque de humor e descontração e também fixou a imagem do projeto com um apelo mais positivo. A resposta foi imediata: o número de solicitações tanto dos estabelecimentos gays como da imprensa foi surpreendente.

Além do personagem, introduzimos uma outra estratégia de intervenção que chamamos de "arrastões". Ao invés de adotarmos a estratégia de ficar parados em um canto de uma boate, passamos a intercalar estas intervenções com intervenções relâmpagos, feitas por seis interventores, em vários bares e calçadas. O objetivo era criar impacto e chamar a atenção para o material distribuído. O resultado foi muito positivo. Já no primeiro mês tivemos um acréscimo de mais de 100% de número de materiais distribuídos e de participantes nas oficinas de sexo seguro.

2) Quanto à filipeta de divulgação das atividades, passamos a produzir uma específica para São Paulo informando o local e a hora das oficinas programadas. Este material criou um apelo imediato em nosso público, que demonstrou grande interesse pelo mesmo e refletiu positivamente no número de participantes nas atividades do projeto. Este fato prova que quanto mais direcionados forem os materiais informativos maior sua capacidade de atingir o público alvo.

3) Mudamos a forma de contato com as boates. A princípio tínhamos uma atitude muito subserviente, procurávamos "não incomodar", requisitando minimamente a participação das mesmas. Concluímos que esta postura não criava nenhum tipo de engajamento dos proprietários, o que vinha dificultando muito o nosso trabalho, além de não conscientizá-los da importância da continuidade de iniciativas como a nossa. Passamos a propor parcerias e a garantir a participação mais ativa dos estabelecimentos em nossos programas. Também ficamos mais atentos aos convites que recebemos das diversas casas, tentando estimular as iniciativas que demonstraram afinidade com propostas do projeto. É muito importante que as casas noturnas comecem a desenvolver suas próprias estratégias de divulgação de sexo seguro e prevenção das DSTs/AIDS. Pensamos que, em um sentido mais amplo, o papel de um projeto como o nosso é o de lançar a idéia e de dar o apoio necessário para que a comunidade implemente seus próprios projetos.

4) O grau de rejeição ao tema AIDS no meio de HSH é ainda muito grande, o que nos levou a alterar o nome da “oficina de sexo seguro” para “oficina de sexualidade e prazer”. Acreditamos que o apelo do prazer é muito maior do que o da prevenção. Porém tínhamos que as pessoas se sentissem enganadas no decorrer das oficinas, uma vez que o seu conteúdo tinha continuado o mesmo. Este fato não foi confirmado, pois durante o levantamento de expectativas (que é o primeiro exercício da oficina) as pessoas têm demonstrado que sabem que vão falar da sexualidade no contexto da AIDS.

Outra alteração ao nível das oficinas foi com relação ao lugar. No início, oferecíamos oficinas somente nas boates, acreditando que as pessoas já tivessem um vínculo com o estabelecimento que freqüentavam, o que facilitaria o comparecimento nas mesmas. Na prática, esta hipótese não se confirmou, muito pelo contrário, só passamos a ter público em nossas oficinas quando estas foram oferecidas na sede do Grupo Pela VIDDA. Mesmo assim insistimos em oferecer pelo menos uma oficina em bares e boates, sem nenhum resultado. Este fato nos leva a pensar que as pessoas preferem discutir sobre sexualidade e AIDS fora do ambiente onde se divertem, paqueram, fazem "pegação" ou saem com amigos.

5) Acreditando que a pouca inserção do projeto na comunidade de HSH ocorria em grande parte pela falta de articulação e identidade deste grupo, resolvemos introduzir outros espaços de discussão onde a questão da homossexualidade e da AIDS pudessem ser aprofundadas. Primeiro foram implantadas as oficinas de vídeo e depois as oficinas temáticas. Para facilitar os debates, convidamos pessoas pertencentes a outros grupos e profissionais que trabalham com o tema ou pessoas de destaque no meio homossexual, procurando assim engajá-los em nossas atividades. Percebemos também que estas oficinas passaram a ser um meio de aproximação entre as intervenções e as oficinas de sexo seguro. Muitas das pessoas que têm vindo às oficinas de sexo seguro já estiveram em uma oficina de vídeo ou temática. Parece ocorrer um processo gradual onde as pessoas saem de uma posição passiva, ao receberem uma filipeta informativa, vão assistir um vídeo, participam de uma discussão, até poderem chegar a uma atividade como as oficinas de sexo seguro, onde o grau de participação e exposição é maior.

6) Quanto à mídia, concluímos que ela deveria ser encarada como uma extensão do nosso público alvo, ou seja, através dela poderíamos atingir muito mais pessoas, ampliando a abrangência do projeto para pessoas que estão fora de nossa área de atuação (bares e boates). Resolvemos introduzir intervenções sistemáticas para todos os jornais, revistas, tvs, rádios e house organs e materiais informativos, divulgando nossas atividades e o projeto como um todo. Esta estratégia tem trazido ótimos resultados, pois temos ocupado cada vez mais espaço na mídia paulistana.

A implementação destas novas estratégias possibilitou um re direcionamento das atividades que passaram a atender de forma mais efetiva o público de HSH em São Paulo.

***Coordenador do Projeto Homossexualidades (HSH) e Presidente do Grupo Pela VIDDA/SP**

INTERVENÇÃO PARA HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS NO RJ

Katia Guimarães *

A atividade de intervenção, que consideramos como uma das iniciativas mais inovadoras do Projeto Homossexualidades, foi pensada a partir da necessidade de se trabalhar, de forma mais presente, a questão da prevenção do HIV/AIDS, levando-se em consideração o contexto sócio-cultural na qual a homossexualidade masculina encontra-se inserida no Brasil.

Durante seu primeiro ano de implementação, pensar em uma atividade que fale de AIDS, prevenção e sexo seguro em locais onde as pessoas buscam a diversão e o prazer (boates, bares, saunas e praias), tornou-se um grande desafio para a equipe do projeto.

Uma das alternativas encontradas para facilitar a inserção do Projeto no cotidiano da subcultura gay do Rio de Janeiro foi a elaboração e produção de um material gráfico que, ao mesmo tempo em que abordou a importância da adoção de práticas sexuais mais seguras para a epidemia do HIV/AIDS, teve o cuidado de não fazer com que as informações sobre Sexo Seguro retirassem a beleza e a sensibilidade com a qual procuramos retratar as emoções homoeróticas.

Um outro fator que colaborou com a realização satisfatória desta atividade foi o comprometimento mais direto dos donos de estabelecimentos gays no Rio de Janeiro com o projeto. Esta parceria forneceu ao trabalho a legitimidade necessária para que o objetivo de nossas propostas fosse alcançado.

Ressaltamos também a participação fundamental de integrantes do Grupo Atobá, 28 de Junho e Agani (grupos gays do Rio de Janeiro) que fazem parte da equipe de intervenção. Este vínculo que estabelecemos com os grupos gays nos proporcionou uma visão mais ampla sobre a vivência e questões ligadas à homossexualidade, no Rio de Janeiro, tais como a violência, a discriminação e o preconceito.

A interação da equipe de intervenção com a comunidade gay do Rio de Janeiro nos aproximou do imaginário dessa população a respeito de AIDS e Sexo Seguro, o que foi de suma importância para a resposta dada pelo projeto em termos de informação e de elaboração de atividades.

Neste sentido, a atividade de intervenção, para além de ser um meio de divulgação das outras atividades que compõem o corpo do projeto, passou a desempenhar um papel fundamental para o esclarecimento de dúvidas, conquistando, sobretudo, um espaço de referência nos estabelecimentos gays para a questão da homossexualidade e da prevenção da epidemia de AIDS, com forte apelo junto à comunidade homossexual do Rio de Janeiro.

***Mestre em psicologia**

Coordenadora do Projeto Homossexualidades - Grupo Pela VIDDA/Rj

O ESPAÇO CULTURAL DAS QUINTAS-FEIRAS

Edgar Merchan Hamann* e Gerson Robson dos Santos**

ATIVIDADES E OBJETIVOS

Dentro do projeto "Homossexualidades", promovido e apoiado pela ABIA e pelo Grupo Pela VIDDÁ/RJ e SP, as atividades das quintas-feiras supõem a manutenção de um espaço cultural de fala, reflexão, lazer e livre expressão através da partilha de experiências e a troca de idéias sobre a vivência da homossexualidade. A nível individual e de grupo, promove-se a reificação da auto-estima através da criação de redes de solidariedade das pessoas que procuram solucionar a questão do preconceito. Também tenta-se enfatizar a possibilidade de liberdade de opção pessoal e coletiva, incluindo a dimensão política desta ação, que é o exercício da cidadania. Este espaço tem contado com três tipos de atividades até agora desenvolvidas, as Oficinas de Sexo Seguro, a exibição de vídeos com pequenas discussões sobre diversos aspectos relacionados a eles, e a organização de debates e mesas redondas. Depois de um ano de projeto, este espaço veio sendo ajustado e reformulado visando a sua consolidação e articulação com as outras atividades do projeto.

As Oficinas de Sexo Seguro têm por propósito a discussão em torno da vivência da sexualidade, do homoerotismo, nas suas múltiplas possibilidades, e da noção de "sexo seguro". Ressalta-se a possibilidade de optar pelo livre exercício do desejo e do tipo de sexualidade determinado por ele. Busca-se ajudar a conscientização a respeito dos riscos de contaminação pelo HIV/AIDS e das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), bem como das formas de preveni-las. Já as mesas redondas e debates pretendem criar um espaço de discussão cultural da homossexualidade e os problemas relativos à sua vivência. Complementando estas atividades, promove-se a exibição de vídeos que mistura lazer e reflexão. Mediante a apresentação e a discussão em torno da sua temática e seus aspectos artísticos e estéticos, busca-se difundir filmes com temática homossexual e refletir em torno dos problemas centrais trazidos à tona pelo filme. Tenta-se também vincular as situações que causaram mais impacto no vídeo com as experiências do cotidiano dos participantes.

A REPRESENTAÇÃO DE "SEXO SEGURO" E OS BLOQUEIOS

O termo "oficina de sexo seguro" pode remeter sentimentos conflitantes. A palavra "oficina" denota um "trabalho" em torno de algo, e quando se fala de "sexo" sempre se desperta interesse. O problema é o adjetivo "seguro" que, por outro lado, poderia também ser substituído por sexo "com segurança", "mais seguro" ou "com menos risco". O sexo seguro é visto de múltiplas maneiras pelos participantes das nossas oficinas. Há pessoas que o identificam com práticas específicas, como o uso de camisinha nas relações que envolvem penetração; outras o identificam com sentimentos como o carinho; há quem enfatize a noção de responsabilidade.

A GESTÃO DO RISCO E A EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE

Ao longo da execução das oficinas tem havido uma demanda por informações que muitas vezes assumem a forma de conteúdos especificamente técnicos, relacionados com práticas sexuais. São freqüentes as perguntas “Existe risco de pegar AIDS fazendo tal coisa?” e “Qual é o risco de se contaminar fazendo tal coisa?”. Estas perguntas exigem respostas que precisam ser incluídas dentro da dinâmica de execução da oficina, que é orientada da maneira menos “pedagógica-educacional” possível. Entendemos “pedagógica” no sentido mais clássico, como a prática escolástica de tentar impor, unilateral e verticalmente, conteúdos informativos ou mudanças de comportamentos. No entanto, há uma demanda por informação que não é transmitida com a suficiente clareza pelos meios de comunicação de massa, quando não está francamente ausente.

O conhecimento dos perigos para a saúde são representados por uma noção técnica de “risco”, cujo conhecimento supostamente ajuda a diminuir o perigo. No entanto, estas não são verdades definitivas. As ONGs engajadas na promoção de práticas sexuais mais seguras se deparam com a dificuldade de conciliar dois pontos de vista; de um lado, os dados epidemiológicos relacionados com práticas específicas (o risco quantificado tecnicamente); de outro lado, a possibilidade de vivenciar as experiências desejadas com um mínimo de perigo, visto da perspectiva mais abrangente de um conjunto de ameaças à saúde.

Embora haja sempre um pano de fundo educacional na transmissão de qualquer informação, temos tentado veicular estas informações com a erotização do “sexo seguro”. Também nos afastamos da visão unilateral e vertical da educação pedagógica, estando conscientes de que, enquanto facilitadores, crescemos e aprendemos com a troca de informações com os participantes. Neste sentido, cabe lembrar a noção de “pedagogia do oprimido” de Paulo Freire, que vê esta prática como sendo recíproca e libertadora.

RESPONSABILIDADE

A noção de “sexo seguro” coloca a pessoa frente a frente com a realidade da existência de perigos, que podem ser contornados mediante o seu conhecimento e o esclarecimento da forma como eles se dão. É impossível e irresponsável cobrar responsabilidade de quem não tem informação. A palavra “responsabilidade” se encontra muito fortemente carregada emotivamente, principalmente porque a sua menção evoca as fronteiras difíceis de definir entre a autoridade e o autoritarismo ou entre persuasão e coerção. Nossa visão é que a responsabilidade em qualquer nível de relacionamento pode ser vista mais como a capacidade de responder e de esperar uma resposta do outro. Ou seja, respeito, carinho, afeto e desejo, que sentimos com relação a outras pessoas, são respostas que implicam reciprocidade.

O DESEMPENHO DAS OFICINAS

Ao longo da sua execução, temos constatado que as oficinas diferem umas das outras. Pensamos que um fator de peso no desempenho corresponde às características da clientela. A idade dos participantes é importante; há preocupações e histórias de vida muito diferentes entre as pessoas de diversas faixas etárias, o que é decorrente não só da

experiência esperada para a idade, mas do contexto em que as vivências se deram; o período autoritário, a revolução dos costumes sexuais, o impacto do advento da AIDS.

Nas oficinas com afluência de pessoas soropositivas, os temas têm girado em torno de discriminação, das suas experiências com médicos e instituições de saúde, o impacto nas relações com os parceiros e com as famílias, a revelação da homossexualidade por causa da AIDS e a redimensionamento da vida sexual. Houve discussões sobre a discriminação entre os próprios homossexuais.

Em algumas ocasiões, apesar da advertência de respeito às opiniões dos outros, tem havido pessoas trazendo à tona temas em que há alguma convicção formada previamente, como a crença na criação de um vírus em laboratório para “sacanear” os homossexuais; ou pessoas que confiam plenamente na abstinência sexual total ou na monogamia compulsória como formas de prevenção da AIDS, o que poderia ter criado conflito com o espírito da oficina, que se baseia na erotização do sexo seguro.

Em outras situações, tem havido participantes cuja identidade sexual não se encontra claramente definida. Porém, nunca houve agressões ou maiores motivos de conflito por causa disto. Pelo contrário, tem havido uma nova demanda para a participação de mulheres e homens, tanto homo quanto heterossexuais.

QUESTÕES QUE TÊM SURGIDO NA OFICINA

Com muita frequência têm surgido problemas que temos tentado trabalhar nos debates e nas exibições de vídeos. Destacam-se os problemas relativos à própria vivência da homossexualidade: violência contra o homossexual, problemas com o corpo, discriminação entre homossexuais e a questão dos estereótipos, problemas em relação à religião, à política e à legislação; casamento entre homossexuais e a natureza do relacionamento amoroso versus as ligações eróticas; a relação com a família e a revelação da homossexualidade; a bissexualidade; o dito e não dito, isto é, os silêncios; a cultura gay. Têm aparecido problemas que surgem da relação da AIDS com a homossexualidade, discriminação às pessoas portadoras do vírus HIV, dúvidas sobre a transmissão do vírus HIV e as formas de prevenir (particularmente em relação ao sexo oral, uso adequado da camisinha).

À GUIA DE CONCLUSÃO

As atividades das quintas-feiras não seguem a mesma lógica de um grupo de apoio mútuo ou de ajuda paternalista. Embora a ajuda mútua faça parte do espírito do nosso trabalho, dá-se ênfase à criação e manutenção de um espaço cultural onde sejam reforçados laços sociais sem coerções da sociedade hegemônica. O comum denominador é a vontade de resolver problemas e de engajar-se ativamente na sua solução. Em outras palavras, trata-se de ir além da imposição de mais um discurso de coerção, tentando oferecer a possibilidade de devolver o poder e a liberdade às pessoas que, em virtude de fazerem parte de uma minoria, sempre os tiveram limitados ou cerceados. Resgata-se a possibilidade de exercer a cidadania - com a possibilidade de usufruir direitos e cumprir deveres. Resgatar o poder enquanto cidadão.

* Doutorando em Saúde Pública pela ENSP/FIOCRUZ e coordenador de oficina.

** Cientista Social e assistente do Projeto HSH - Pela VIDDA/RJ

"HOMENS" NO VÍDEO

Veriano Terto Jr.*

Entre as atividades iniciais do projeto HSH estava a produção de um vídeo que pudesse registrar e dar a voz a algumas das questões que perpassam o cotidiano de grande parte dos homens que fazem sexo com homens no Brasil. Tais questões dizem respeito à discriminação social, aos preconceitos, à epidemia de AIDS, trabalho, casamento, família, identidade sexual, amor, luto entre outras.

Este material procuraria dar conta de algumas preocupações da equipe em relação a um certo "ativismo cultural", que criaria e reforçaria referências positivas em torno da questão da homossexualidade, intervindo em condições sociais e ambientais adversas à vivência de estilos de vida e desejos ainda recriminados por grande parte da sociedade brasileira atual.

O vídeo procuraria responder, além disto, ao fato de que o preconceito em relação à AIDS ainda está muito vinculado a preconceitos contra a homossexualidade masculina e tal associação precisa ser desmistificada e tratada de forma realista e objetiva. Tais preconceitos contribuem para a disseminação da epidemia de AIDS/HIV em toda a população, ao favorecer atitudes equivocadas, o medo e o isolamento, afastando as pessoas da informação correta e tranquilizadora.

Optamos por histórias de vida pela dificuldade de encontrar uma mostra ou estória que "representasse" ou desse conta do cotidiano e dos diversos modos de expressão dos desejos e estilos de vida de homens que fazem sexo com homens. Deste modo, o vídeo evitaria juízos de valor ou opiniões sobre a homossexualidade que não sejam aquelas expressadas pelos próprios protagonistas. Foram escolhidos os depoimentos de três homens que, através de imagens e de trabalho de edição, completam a composição do material. A duração total ficou em 24 minutos, com direção de Alfredo Alves e o título de "Homens"; a produção ficou a cargo da ABIA, Grupos Pela VIDDA do Rio e São Paulo; a realização pelo IBASE Vídeo, com recursos da Fundação McArthur.

O vídeo foi exibido pela primeira vez em 22 de março de 1994 e, logo após, lançado em diversas capitais brasileiras como Fortaleza, Porto Alegre, Curitiba, Recife, São Paulo, entre outras, sempre em conjunto com ONGs/AIDS e grupos gays locais e cobertura da mídia. O vídeo tem sido distribuído para diversas instituições de educação, e para pessoas físicas. Dentro de uma perspectiva de ativismo cultural está inscrito e já foi exibido em festivais e mostras de cinema, como o Rio Cine Festival e o MIX - festival de vídeos e filmes sobre sexualidade. Recentemente foi legendado para o inglês, o que vem favorecendo sua exibição em outros países.

As pessoas interessadas em adquirir o vídeo devem entrar em contato com IBASE Vídeo (tel 021/286-6161) ou a ABIA (021/224-1654).

***Coordenador da Área de Projetos /ABIA**

"CABARET PREVENÇÃO": EXPRESSIONISMO E SEXUALIDADE NO PALCO

Vagner de Almeida*

O espetáculo "Cabaret Prevenção" é resultado da criação coletiva dos participantes da Oficina de Teatro Expressionista para Homens que Fazem Sexo com Homens (Sexualidade e AIDS). Os textos são escritos e interpretados (como a confecção do cenário, indumentária e adereços) por vários participantes da oficina, e baseado na linha teatral Expressionista, que sai de dentro para fora em todas as suas modalidades.

A peça é montada sobre textos soltos que se entrelaçam no desenvolver das situações criadas e analisadas pelos participantes da oficina. Baseando-se em onze temas escolhidos através de votação, a peça gira em torno das atitudes e comportamentos dos brasileiros, e se defronta com a falta de civilidade de uma sociedade preconceituosa e arbitrária em relação ao comportamento do homossexual. Trabalhando com estes fatos tristes do cotidiano contemporâneo, "Cabaret Prevenção" procura resgatar a autoestima com um grito de alerta contra o estigma que paira sobre a homossexualidade.

Como muitos dizem, ser diferente no Brasil é muito difícil, principalmente quando se trata da sexualidade. O homossexual tem que enfrentar vários dragões, e nenhum mais complicado que a família, tópico que será abordado na peça no quadro "Mamãe Eu Sou Gay". Medo, intolerância, discriminação e tantas outras formas de navalhar a fragilidade humana são apontados nesse contexto. A família é o primeiro entre tantos outros desafios que o transgressor tem que enfrentar para poder sobreviver o seu dia-a-dia e buscar a felicidade.

Outros temas levantados em questão são o "Estigma", registrado em todos os lugares e momentos na vida dos homossexuais, "Violência de Rua", com os extermínios de travestis e gays por policiais e moralistas da sociedade, e "O Machão", essa tribo de intolerantes que apedrejam o comportamento dos homossexuais com a conivência da própria sociedade. Uma das maiores polêmicas no contexto do espetáculo é o tema "Gay Versus Gay", que mostra a homofobia internalizada dos gays que muitas das vezes possuem a mesma atitude de quem os anula na sociedade, introjetando tudo que é gerado de negativo e expelindo tudo que é ruim na classe de pessoas que interage sexualmente com o próprio.

Entretanto, em "Cabaret Prevenção" o público também poderá se deparar com "A Soropositividade", abordada com um grau muito positivo e solidário no decorrer dessa criação, e com o ato da "Sedução", atitude tomada por alguém ou pela própria pessoa para entrelaçar-se em um mundo de prazer. Sendo o espetáculo uma série de diferentes emoções, o humor não poderia deixar de existir com "Meu Pau, Meu Cu" - diálogo entre as partes mais íntimas do homem desvendada por esses tão prazerosos e estigmatizados pedacinhos do corpo. Há também o bem-humorado texto intitulado "Meu Corpo Nu", que desvenda a intransigência que o ser humano possui com o seu corpo quando deixa de ser uma argamassa desejada e passa a analisá-la como um transtorno para a sua vida sexual adicionado à velhice.

Em todos os quadros da peça, podemos ver as preocupações principais do Projeto Homossexualidades: a solidariedade, a cidadania, os direitos humanos, a ousadia, a liberdade de expressão. O espetáculo "Cabaret Prevenção" estréia em janeiro de 1995 no Teatro Alaska, no Rio de Janeiro, e é uma das principais atividades no segundo ano do Projeto Homossexualidades.

***Coordenador da Oficina de Teatro Expressionista (Sexualidade e AIDS)**

ACONSELHAMENTO, HOMENS E AIDS

Alexandre do Valle*

A atividade de aconselhamento dentro do projeto homossexualidades tem algumas peculiaridades que merecem a nossa atenção, principalmente por estar inserida numa iniciativa abrangente que visa romper com preconceitos e estigmas. Durante o aconselhamento, buscamos possibilitar um espaço de livre discussão sobre temas que normalmente são pouco discutidos. Falar em HIV, AIDS, risco, medo, identidades e práticas sexuais é uma tarefa espinhosa em nossa cultura, estes assuntos quase sempre são abordados de forma parcial e tendenciosa. Assim, "remando contra a correnteza", buscamos ser claros nestas discussões e fornecer informações mais precisas, mostrar a possibilidade de novas visões do mundo que permitam modificações de idéias e comportamentos.

De fato, este projeto visa a modificação de comportamentos para a redução do risco de infecção com o HIV, mas este não é seu único objetivo. Antes da transformação dos comportamentos está a transformação das idéias. Durante a atividade de aconselhamento, discutimos idéias, pensamos situações e olhamos mais de perto e com mais cuidado para cada pessoa e suas dificuldades. Tentamos trazer novas perspectivas para cada situação que se apresenta, entendendo que o discurso preventivo de massa tem seus limites.

A atenção mais individualizada de que falamos aqui é uma marca dentro deste projeto, procuramos abrir sempre a possibilidade de um contato mais próximo entre a equipe do projeto e o nosso público. Isto pode acontecer em uma conversa com os interventores, na discussão das práticas sexuais na oficina do sexo seguro, com auxílio das técnicas expressivas da atividade de teatro, e no aconselhamento individual propriamente dito. Tentamos assim desfazer os mitos que cercam a AIDS e suas relações com a homossexualidade, procurando elaborar formas mais interessantes de lidar com as duas questões.

***Assistente de Projetos/Grupo pela VIDDA/RJ**

PARCERIAS QUE DÃO CERTO

Paulo Henrique Longo*

O movimento nacional de ONGs/ AIDS, surgido na segunda metade da década de 80, já mereceu análise por diversos especialistas, apontando sucessos e falhas. O final da década de 80 foi marcado pelo slogan **Solidariedade**, bastante incentivado e muito pouco observado. Parecia difícil a compreensão da solidariedade como conceito mais amplo, dissociado do caráter quase messiânico nele embutido. A realidade demandava uma prática real da solidariedade e a mesma realidade impulsionava para práticas cada vez menos solidárias. A luta pelos poucos recursos existentes é um exemplo claro disto, deixando de gerar parcerias. Entretanto, algumas atuações conjuntas têm mostrado que é possível reverter este quadro.

O **NOSS - Núcleo de Orientação em Saúde Social** é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, criada no início de 1991, objetivando a elaboração de estratégias preventivas/educativas junto a grupos sociais marginalizados, principalmente aqueles não atendidos ainda por outras intervenções - oficiais ou não. Sua fundação está diretamente ligada à experiência com o Programa "Pegação", iniciado em 1989 junto a rapazes que se prostituem no Rio de Janeiro, os chamados michês. Já no ano de sua fundação, o NOSS iniciou o Projeto Tereza, junto à população carcerária do Rio de Janeiro. Tais projetos têm como base o contato direto entre educadores previamente treinados e o grupo atendido. Através deste contato, que chamamos de **pessoal e constante**, o educador tem a oportunidade de entrar mais a fundo nas histórias pessoais de cada um, procurando gerar nos indivíduos o **desejo de proteger-se**. Tem sido amplamente discutidos que as técnicas preventivas devem levar em consideração não somente a veiculação e reprodução de informações, mas considerar os fatores que levam os indivíduos a incorporá-las ou não em seu comportamento. Junto a grupos sociais marginalizados - mas não só - é nítida a influência da auto-estima neste processo, componente que os projetos do NOSS procuram considerar em suas atividades.

Em 1991 a equipe do NOSS percebeu a ausência de uma atuação mais efetiva junto à população gay, principalmente pela ausência de uma publicação específica e séria dirigida àquele "grupo" (considerando-se a diversidade da homossexualidade, achamos difícil a constituição de um grupo). Coincidentemente, a primeira década da epidemia de AIDS no Brasil esteve descoberta de um veículo de comunicação não erótico-pornográfico, visto que o último jornal, *Lampião da Esquina*, fechou em 1981. Assim, o NOSS iniciou a publicação do jornal *Nós por Exemplo*, tentando atingir a população gay e lésbica, inicialmente no Rio de Janeiro mas objetivando abrangência nacional. O primeiro ano marcou a implantação do *Nós por Exemplo* como projeto, traçando estratégias de divulgação, vendas, anúncios e assinaturas. O segundo ano, com o nome já relativamente conhecido, marcou a expansão para outros estados, hoje atingindo 18 Unidades da Federação.

O jornal *Nós por Exemplo* segue os mesmos princípios do NOSS, trabalhando as questões de saúde dentro do conceito de saúde social, ou seja, de conquista da cidadania através de uma atuação política de valorização da auto-estima. Enquanto publicação, tem procurado valorizar as parcerias. Uma de suas seções, chamada *Movimento*, é cedida a cada edição à divulgação das atividades de grupos gays e lésbicos de todo o país. O encarte *Agaiê hoje*, com informações sobre HIV/AIDS, abre-se à participação dos grupos que combatem a epidemia, além de veicular artigos assinados por profissionais de saúde de nosso país, valorizando a contribuição dos mesmos.

No processo de parceria com outras ONGs e movimentos da sociedade civil, desde 1993 uma importante parceria foi estabelecida com a ABIA o Grupo Pela VIDDA/SP e o Pela VIDDA/RJ; através da cessão de meia página para divulgação das atividades do projeto "Homens que fazem sexo com homens", desenvolvido em conjunto por estas três organizações no eixo Rio-São Paulo. Desde então, atividades, resultados e expectativas do projeto têm sido veiculadas para o grupo de leitores do *Nós por Exemplo* em todo o país.

Para o Noss é uma parceria fundamental, que tem estreitado os laços entre as organizações. Durante o VI Encontro Nacional de ONGs/AIDS, em Vitória, o Noss foi eleito, juntamente com o Grupo pela VIDDA/RJ, pelas ONGs da região Sudeste como representante das mesmas na Comissão Nacional de Controle da AIDS. Tal responsabilidade, pautada no voto de confiança de tantos grupos diferentes, aproxima ainda mais o NOSS e o Pela VIDDA/RJ, nesta difícil tarefa de representar as ONGs junto ao poder público federal.

Para o NOSS, **Solidariedade** é isto: traduz-se em ações concretas e parcerias, nas quais o principal beneficiário é o combate à epidemia pelo HIV, nosso principal alvo.

*** Presidente do NOSS**

PROJETO HOMOSSEXUALIDADES

É bastante válida a idéia de um trabalho de parcerias entre ONG/AIDS e grupos de militância pelos direitos de cidadania dos homossexuais, principalmente no Brasil, onde o índice de homofobia é explicitamente elevado.

O trabalho de "intervenção" em lugares freqüentados pelo público gay é uma proposta que visa conscientizá-lo para uma auto-estima maior, seja na questão da cidadania como da prática de sexo menos arriscada. O Projeto "Homossexualidades", desenvolvido pela ABIA e Grupos Pela VIDDA/RJ e SP com um ano de existência, vem colaborando em grande escala para esclarecimentos sobre o HIV/AIDS, principalmente através das Oficinas de Sexo Seguro e das Oficinas de Teatro Expressionista e Sexualidade.

Raimundo Pereira
Grupo Atobá

PROJETO HSH E O GRUPO 28 DE JUNHO: EM DIREÇÃO À BAIXADA

Eugênio Ibiapino dos Santos *

Chega a ser quase alarmante o índice epidemiológico das DST/AIDS na Baixada Fluminense como também o abandono do tratamento das pessoas com doenças oportunistas como tuberculose, hepatite e outras, por culpa da falta de informação aliada ao descaso governamental, que continua colocando a Baixada Fluminense e especificamente Nova Iguaçu entre as principais comportas de portadores do HIV/AIDS do Estado do Rio de Janeiro.

Já perdemos muitas pessoas vítimas da imunodeficiência adquirida, e outras assassinadas com fortes indícios do motivo do crime ter sido evitar a multiplicação da doença na santa imaculada sociedade brasileira, que continua vendo a AIDS como uma doença meramente de homossexuais, reforçando assim o estigma e o preconceito. Tudo isso, junto com a homofobia da maioria da população, reforçada por setores religiosos, faz com que vejam de forma negativa todos os trabalhos de prevenção e informação de como enfrentar a AIDS para que possamos ter uma cidadania estendida também à comunidade homossexual.

Foi em meio a toda essa falta de assistência e, conseqüentemente, essa falta de perspectiva que se desenvolveu o projeto de intervenção da ABIA/Pela VIDDA em parceria com o 28 de Junho. O projeto veio nos mostrar uma luz no fim do túnel. Veio alertar a comunidade gay dos perigos causados pela falta de informação, esclarecendo-nos sobre os meios de buscar cada vez mais mecanismos de erradicação de relações sexuais de risco, em busca de maneiras mais seguras. A princípio o projeto foi desenvolvido em dois lugares freqüentados por gays do Município de Nova Iguaçu, servindo de ponte de participação não somente para as atividades desenvolvidas na ABIA/Pela VIDDA, como também de incentivo à participação e ao engajamento em outras atividades que exercitem mudanças de comportamentos de risco para HIV/AIDS.

Conheço várias pessoas que me afirmaram que somente começaram a se prevenir a partir do trabalho desenvolvido nos dois lugares gays de Nova Iguaçu, e isso tudo é muito importante.

Encaro um ano de projeto como um treinamento cotidiano de exercício de formas concretas de combate à AIDS com seus estigmas e preconceitos. Um ano de projeto de intervenção, "Homens que fazem sexo com homens" em parceria com o grupo 28 de Junho, é mais um reforço à solidariedade em defesa da VIDDA!!!

*** Presidente do Grupo 28 de junho**

GRUPO ARCO-ÍRIS: ESPACO DE TROCA E SOLIDARIEDADE

Augusto Andrade*

Um dos vários fatos que contribuiu para a formação do **Grupo Arco-Íris** de conscientização homossexual foi, certamente, a morte por AIDS do namorado do meu irmão. Mesmo após já estar evidente para todos o que se passava, ele recusava-se a pedir ajuda e, provavelmente, poderia ter tido uma vida mais longa.

O que faz alguém praticamente preferir morrer a se ajudar? Acredito que seja o que nós chamamos genericamente de falta de auto-estima que no nosso caso - o de gays e lésbicas - é provocado por um processo secular e monstruoso de discriminação, falta de informação, não exercício pleno da afetividade e sexualidade, falta de expressão como ser humano total, não possibilidade de exercer uma cidadania plena, uma ideologia e cultura vigentes que nos consideram e tratam como seres doentes, pecadores, desviados, ilegais, etc. e que, enfim, nos tornam invisíveis.

O que fazer? Nós (eu e Luiz, meu companheiro) reunimos amigos, gays e lésbicas, em nossa casa, e lançamos a idéia de um Grupo. A nossa surpresa foi enorme e compensadora. Nas três primeiras reuniões todos falavam três ou quatro horas ininterruptamente, sem sequer haver um tema proposto. A resposta foi clara. Nós precisamos nos expressar, berrar bem alto tudo aquilo que está engasgado na nossa garganta, chorar, rir, nos apaixonar, brincar, trocar todas as emoções e não ter medo de viver felizes.

Após o 4º encontro, conduzimos as reuniões através de dinâmicas e temas que possibilitassem a expressão de emoções que eram discutidas. Com o passar do tempo, outras abordagens (formas de possibilitar expressão) foram se tornando necessárias face a dificuldades específicas. Daí surgiram o Coral, as sessões de vídeos para a comunidade gay/lésbica, a biblioteca, grupos de estudos, etc.

E a AIDS? Bem, nós descobrimos que só faz sexo seguro e só luta pela cidadania aquele que gosta de si mesmo e que tem amor-próprio, aquele que tem força de dizer não agora para ter uma qualidade de vida melhor.

Quando nós falamos sobre solidão, amor, saúde ou práticas sexuais nós estamos tratando, com certeza, da questão da AIDS.

Ao longo do trajeto do Arco-Íris nós nos defrontamos informalmente com as atividades do Pela VIDDA e da ABIA e descobrimos que, ao contrário da idéia que tínhamos (grupos que só falavam de AIDS e soropositividade o tempo todo) eles, através do Projeto Homossexualidades, estavam desenvolvendo uma perspectiva similar à nossa. Além dos trabalhos específicos de prevenção, também começaram a considerar a qualidade de vida

interior e exterior de gays e lésbicas, tentando reverter a grande doença social que nos vítima a todos: a homofobia, horror à homossexualidade.

A possibilidade de trabalharmos juntos está aberta e já está se dando informalmente.

Infelizmente, ainda estamos no início desta tentativa de transformação mas certamente estamos felizes por encontrarmos, como no Arco-Íris, outras cores que seguem na mesma direção na construção de um mundo melhor.

*** Presidente do Grupo Arco-Íris - Consciência Homossexual**

"O PORTADOR NÃO É O VILÃO..."

Paulo Roberto, 30 anos, carioca, é soropositivo para HIV. Ele participou de quatro Oficinas de Sexo Seguro para "Homens que fazem sexo com homens". Para ele os problemas começaram quando se encontrava internado no Hospital do Fundão para estudos de diagnóstico por doença respiratória, antes mesmo de saber que estava com o vírus HIV. Os médicos e as enfermeiras evitavam dar explicações. Na enfermaria, os colegas lhe diziam para se desenganar, pois naquele lugar só internavam pessoas com AIDS. A etapa inicial foi a mais difícil, quando soube que era positivo e enfrentou vários episódios de discriminação, inclusive no meio médico.

Na primeira oficina, ele disse querer participar para demonstrar que o soropositivo não é o vilão que as pessoas acham. No final dessa oficina, ele falou com o facilitador que tinha gostado, mas que ainda não estava convencido. Na terceira oficina, compareceu uma pessoa que, por uma experiência anterior, não queria nenhum contato sexual com ninguém, muito menos se a pessoa era soropositiva. Na discussão entre os dois, Paulo fez ver que todos temos que nos cuidar e que não adianta discriminar as pessoas pois isto, ao invés de ajudar, piora a situação para todo mundo. Para Paulo, há muitas pessoas que ainda não se protegem adequadamente. Recentemente teve um contato com uma pessoa que falou para ele que não usava camisinha "porque era imune"! Paulo conheceu a ABIA-Grupo Pela VIDDA quando veio buscar orientação a respeito de uma perícia junto à previdência social. Para ele a oficina ajudou no sentido de "ficar mais falante sobre o problema sem esquentar a cabeça". Antes, ele tinha mais dificuldade de encarar essa realidade, principalmente por causa do preconceito. Foi uma época de muita depressão.

Paulo Roberto tem críticas e sugestões para melhorar as oficinas. Por exemplo, ele acha que nas oficinas se fala demais de experiências nos Estados Unidos e outros países e não se esclarece a situação no Brasil: "... a gente precisa saber mais da AIDS no nosso meio, no subúrbio, nos nossos guetos, onde o bicho está comendo solto". Também deve-se oferecer explicações sobre o que está acontecendo com a AIDS para as pessoas ficarem mais conscientes: "... há muitas pessoas que não falam na oficina, mas elas não estão se cuidando". Para ele, em toda reunião deveria enfatizar-se que o portador não é um monstro. Paulo lembra que as discussões deveriam incluir outros problemas de saúde como a tuberculose, a hepatite e a sífilis. Ele acha que as pessoas não se sentem muito atraídas para a oficina. Porém, mediante outros meios como os vídeos, as pessoas chegam e inteiram-se sobre as atividades do projeto.

DEPOIMENTO COMO "INTERVENTOR"

No decorrer do primeiro ano das atividades do projeto "Homens que fazem sexo com homens", representei a ABIA e o Grupo Pela VIDDA do Rio de Janeiro, como voluntário no trabalho de intervenção. Pude observar que a população atingida estava um tanto leiga em relação às informações sobre a transmissão e prevenção do vírus HIV e das DSTs.

Aos poucos a resistência inicial ao projeto, mais precisamente ao material, foi diminuindo com aceitação e reconhecimento ao trabalho, Entretanto críticas e auto-críticas foram importantes para que o trabalho fosse apurado. Isto nos estimula para que, no segundo ano do projeto, entremos com novos materiais e novos horizontes a percorrer, já que estamos adquirindo maturidade e experiência.

Mauro Lúcio Neto de Moraes
Interventor do Projeto Homossexualidades

SOLIDARIEDADE NO PEDAÇO

"Eu acho que é um trabalho que vale a pena e que está sendo muito proveitoso, Eu queria que todos os donos de boate gay se dessem as mãos e fizessem um trabalho em conjunto,"

Depoimento da Jade,
proprietária da Boate 1140, no Rio

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS -ABIA

Utilidade Pública Federal
Rua Sete de Setembro, 48/12º andar 20050-000
- Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (021) 224-1654
Fax: (021) 224-3414
E-mail: abia @ax.apg.org

A ABIA é uma organização não-governamental, cuja finalidade é promover a educação e a informação para a prevenção e controle da epidemia de HIV/AIDS. Todas as nossas ações são baseadas nos princípios da solidariedade.

Expediente:

Boletim ABIA Especial
Outubro de 1994
Publicação bimestral
Tiragem: 20.000 exemplares
Distribuição interna

Presidente: Herbert de Souza
Jornalista responsável: Mônica Teixeira
MT 15309

Conselho editorial: Cláudio Mesquita, Jane Galvão, Murilo Peixoto da Mota, Renato Quemmel, Richard Parker, Simone Monteiro, Veriano Terto Jr.

Programação visual e produção gráfica:
A 4 mãos ltda.
Editoração eletrônica: Tanara de Souza Vieira -
A 4 Mãos
Revisão: Anamaria Monteiro
Fotolitos: Copifoto
Impressão: MCR Gráfica

Este boletim foi financiado com recursos liberados por EZE/Evangelische Zentralstelle Entwicklungshilfe e. V. e pela Fundação Ford.

O Projeto Homossexualidades conta com o apoio financeiro do Projeto AIDSCAP/Family Health International e do Programa Nacional de DST/AIDS. Apoio adicional para algumas atividades do projeto vem da Fundação MacArthur, da Fundação Interamericana e da Fundação Ford.